

Revista Historiar



Revista Historiar [recurso eletrônico] / Universidade Estadual Vale do Acaraú – v. 7.
n. 12 (2015.1). Sobral-CE: UVA, 2015.

Semestral

ISSN 2176-3267

Modo de acesso: [<http://www.uvanet.br/historiar/index.php/1/index>]

1. História - periódicos. 2. Ciências - periódicos. I. Centro de Ciências Humanas. II.
Universidade Estadual Vale do Acaraú.

CDD - 900

CONTATOS:

Prof. Dra. Telma Bessa Sales.

E-mail: telmabessa1@yahoo.com.br

Curso de História: Fone (88) 3677.7858.

Prof. Msc: Luzia Leila Velez de Miranda

E-mail: luzialeila@gmail.com

Curso de História: Fone (85) 9.9761. 9726.

EDITORES CIENTÍFICOS

Editor

Prof. Dra. Telma Bessa Sales (UVA)

Prof. Msc. Luzia Leila Velez de Miranda (UVA)

Editor Assistente

Prof. Ms. Viviane Prado Bezerra (UVA)

Conselho Editorial

Prof. Dra. Telma Bessa Sales (UVA)

Prof. Dra. Josefa Nunes Pinheiro (UVA)

Prof. Ms. Luzia Leila Velez de Miranda (UVA)

Prof. Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos (UVA)

Conselho Consultivo

Prof. Dr. Carlos Augusto Pereira dos Santos (UVA)

Prof. Dra. Christlene Carvalho dos Santos (UVA)

Prof. Dr. Agenor Soares e Silva Júnior (UVA)

Prof. M.Sc. Raimundo Nonato R. de Souza (UVA)

Prof. M.Sc. Maria Antônia Veiga Adrião (UVA)

Prof. Dr. Francisco Denis Melo (UVA)

Prof. Dra. Maria Edvanir Maia da Silveira (UVA)

Prof. Dr. Marcos Aurélio Ferreira de Freitas (UECE)

Prof. Dr. Antonio Jorge de Siqueira (UFPE)

Prof. Dr. Jean Maccole Tavares (UERN)

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima (UFCEG-PB)

Prof. Dr. Luigi Biondi (UNIFESP)

Prof. Dra. Adelaide Gonçalves (UFC)

REVISTA HISTORIAR

Luzia Leila Velez de Miranda

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Viviane Prado Bezerra

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

APRESENTAÇÃO

“Da História global à História em migalhas: o que se ganha, o que se perde? ”, é assim que José Carlos Reis intitula um dos capítulos de seu livro *História & Teoria*¹, no qual faz um balanço das mudanças pelas quais a História passou ao longo do século XX. Desde o surgimento dos *Annales*, em 1929, uma ampliação no campo de pesquisas do historiador se evidenciou. Como bem salientou Peter Burke, a Escola dos *Annales* significou uma “revolução” para a historiografia do século XX, pois, a partir de então, se alargou o conceito de fonte histórica para além dos documentos escritos e oficiais, ampliando a gama dos objetos de pesquisas e deslocando o olhar do historiador da noção de política presente na Escola Metódica para uma pluralidade temática.

A rediscussão da ideia de objetividade na história e de neutralidade do historiador, tão caras aos metódicos, possibilitou a emergência de interesses em temáticas mais próximas ao presente, além de valorizar a problematização do documento e do tempo e construir, por meio de diálogos interdisciplinares, uma história do social.²

Os historiadores, cada vez mais, fazem história de tudo. Já a história do todo esbarra na dificuldade teórica e empírica de se dar conta do passado em sua totalidade, seja ele remoto ou próximo. Principalmente, a partir de 1970, com a terceira geração dos *Annales*, se observou a pulverização de temas, objetos e problemas, inspirada nos diálogos da História com a Antropologia, a sociologia, a filosofia, a linguística, a semiótica etc. Os historiadores passaram a visitar temas cada vez mais ligados à dimensão das mentalidades, da cultura, do cotidiano, da vida privada e dos micropoderes. Tal diversidade chegou a ser entendida como um esmigalhamento do campo historiográfico. Uma “traição” ao projeto inicial *Aannaliste*.³

Muito dessa mudança esteve relacionada à crítica ao paradigma da ciência moderna. A “crise” do Sujeito Universal construído pela fé iluminista na Razão desembocou numa história das diversas racionalidades, dos muitos modos de ser no mundo, silenciados pela historiografia oficial. A escolha por narrar e compreender as vidas anônimas, os sujeitos ordinários, as múltiplas temporalidades etc. remente a um

¹ REIS, José Carlos. *História & Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

² “Tentemos explorar essa idéia de história global, que parece ser mais uma expressão do que um conceito. A expressão teria, a meu ver, dois sentidos: “história do tudo” e “história do todo”. No primeiro sentido, seria a consideração de que tudo é história, não havendo mais regiões interdidas ao historiador; no segundo seria a ambição de apreender o todo de uma época, seria uma abordagem holística de uma sociedade...”. Idem, p 86.

³ DOSSE, François. *A História em migalhas*, São Paulo, Unicamp, 1994.

passado que pode ser explicado pela alegoria do palimpsesto, um outrora, escrito e reescrito em diversas camadas de tempo, impossíveis de serem reduzidas a uma história.

Nesse sentido, essa edição da *Historiar* traz em seus artigos a marca desse percurso pelo qual passou a historiografia do século XX, evidenciando uma variedade de temas e temporalidades que buscam realçar as experiências singulares vivenciadas no passado. Elencamos dez artigos que esperamos servir (por que não?) para o deleite do leitor, assim como para divulgar a atitude ética presente na atual historiografia, em discussões relacionadas à cultura, religião, política, escravidão e práticas urbanas.

Para fins organizativos dividiremos esse número da Revista *Historiar* em quatro seções, elencando os artigos afins. Assim sendo, iniciaremos pela seção Cultura, em seguida Política e Religião, na sequência, Política e escravidão no Século XIX e por último Práticas Urbanas.

Abrimos este número com o artigo do Professor Dr. Antônio Paulo Rezende, da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, intitulado *AMARCORD: conversas com a vida*, que nos brinda com uma bela reflexão historiográfica, cultural, filosófica e poética sobre Fellini e seu filme *Amarcord* buscando compreender esse universo das complexidades culturais na obra deste cineasta italiano.

Pela proximidade entre História e Antropologia, o segundo artigo foi escrito pelo Professor Dr. Lailson Ferreira da Silva, também historiador e antropólogo de formação, que, por meio do artigo *A linguagem como sinal diacrítico entre os ciganos na Cidade Alta*, problematiza os conceitos de identidade e de etnicidade, ao tentar compreender os sentidos que permeiam o cotidiano de um grupo ciganos e como estes estabelecem fronteiras que os diferenciam de não ciganos.

Na seção Religião e Política, com o título: *Ataçaram as flamas do caldeirão: um estudo sobre a questão da terra junto ao conflito do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*, Raul Victor Rodrigues do Nascimento discorre sobre a experiência do Caldeirão contextualizando sua dimensão política e religiosa, como também insere tal experiência no bojo dos conflitos pela terra. Traz em seu artigo uma teoria inédita em que defende o direito à posse da terra pela comunidade que ali vivia, a partir do que regia a Constituição de 1934, vigente na época, a respeito da Usucapião. Dialogando com conceitos do Direito, ao analisar o Caldeirão, autor traz a baila duas questões ainda atuais e necessárias: o

debate em torno do direito à terra, como também, o direito à memória e à verdade sobre o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.

Para finalizar o bloco Religião e Política o artigo de Viviane Prado Bezerra “*A Igreja Católica de Sobral e sua Ação Pastoral durante a Ditadura Militar no Brasil*” ressalta os aspectos institucionais, políticos e ideológicos que envolvem a Igreja Católica de Sobral – Ce no processo de transformação a partir do Concílio Vaticano II enfatizando suas principais linhas de atuação, bem como, a pastoral popular e os meios de comunicação social, como o *Jornal Correio da Semana* e a *Rádio Educadora do Nordeste* durante a Ditadura Civil-Militar a partir de uma análise dos eventos conflituosos envolvendo a ação da Igreja e o Estado ditatorial.

No que se refere a temporalidade do século XIX, encontraremos os artigos de Jucieldo Ferreira Alexandre e Jofre Teófilo Vieira, em que trazem como palco de suas problemáticas a região do Cariri. Na escrita de Jucieldo recupera-se um episódio fatídico ocorrido em plena eleição de 1856: o assassinato de um eleitor pelas forças policiais. A partir deste mote, o autor analisa o modo de fazer política da época situando tal episódio, entre outras facetas, como parte da cultura política vigente característica do Império. Já no artigo de Jofre, outra singularidade é analisada. Trata-se da execução de um cativo em 1840: o caso do preto Luís. A partir deste episódio, o autor traz uma discussão acerca da pena de morte contra os escravos. Tal penalidade se aplicava em decorrência dos assassinatos cometidos por cativos.

O artigo de Amanda Teixeira da Silva *Entre a Confissão e a Descrição: Olhares Sobre o Diário de Francisco Freire Alemão*, analisa por meio dos diários de viagens e o diário íntimo de Freire Alemão, presidente da Imperial Comissão Científica, nos anos de 1859/60 um estudo desenvolvido por esse botânico no Ceará, influenciada pelo IHGB, que ficou conhecida como a comissão das borboletas.

Na seção Práticas Urbanas, Priscila Régis Cunha de Queiroz aborda a relação trabalhadores, cidade e comércio num contexto de transformações da cidade de Fortaleza nos fins do século XIX. Evidencia a dinâmica de circulação de trabalhadores e alimentos animando o espaço citadino e aproximando mundos diversos, como o rural e urbano, bem como, acirrando conflitos em torno das relações de produção, circulação e consumo de gêneros de primeira necessidade. Ainda nesta seção se lê o artigo *Entre ideias e ideais: Morrinhos nas tramas da modernidade (1952-1964)*, no qual os autores Cid Morais

Silveira e Francisco Dênis Melo analisam o discurso do progresso forjado para a cidade de Morrinhos em meados do século XX. Nesse período, a cidade passou a ser palco de transformações urbanas que visavam inseri-la no padrão dito moderno, o que alterou também os modos de viver e pensar daqueles que de diversas formas se apropriaram do espaço urbano.

O último artigo, *Cidade dos Pobres e Práticas Urbanas: Três obras que fogem de explicações reducionistas*, de Geovan Nobre de Araújo, versa sobre as práticas urbanas nas obras da arquiteta - urbanista Paola Berenstein Jacques, intitulada: “Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica, bem como a obra da cientista social Tereza Pires do Rio Caldeira, intitulado “A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos” e por fim a obra da antropóloga Alba Zaluar, intitulado “A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza”. Busca a partir dessas obras compreender a complexidade dessas práticas urbanas que envolvem hábitos, costumes, comportamentos e representações, tanto individuais como coletivos.

Por fim, desejamos a todos uma boa leitura!